

TEMPOS MIÚDOS, TRANSPASSADOS E EMBICHADOS: ENCONTROS (DES)APRENDENTES COM NILDA ALVES E REGINA LEITE GARCIA E SUAS PROVOCAÇÕES COM A EDUCAÇÃO

ALEXSANDRO RODRIGUES^{*}
MARCIO CAETANO^{**}

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abrir uma conversa afetiva, implicada com os entremeios dos trabalhos de Nilda Alves e Regina Leite Garcia em seus modos bonitos de entrar e permanecer na luta social. Em outras palavras, a escrita desse texto emerge das redes de afetos produzidas em sua atuação e a elas almeja retornar. Destaca-se, no trabalho de Alves e Garcia, a desconstrução e a produção de conhecimentos a favor da escola pública e de seus praticantes. Trabalhando com memória, pois que é feita de bons encontros, tempos e lugares, o texto em tela persegue um estilo/forma/conteúdo que procura melhor compreender as provocações bonitas da prática militante dessas professoras. Nesse texto, trazemos a presença dessas educadoras andarilhas, contadoras de histórias do povo brasileiro e que não se cansam de fazer a denúncia das opressões que nos impedem de sermos mais, demonstrando seus caracteres aguerridos e fortes. O texto buscou costurar momentos/acontecimentos como experiências, em que suas presenças e de suas redes contribuíram e contribuem de forma significativa para a emergência da novidade. Na construção desse artigo, pode-se afirmar e confirmar o trabalho e a vida de Regina Leite Garcia e Nilda Alves como obras de arte, quando, sem nenhuma dificuldade, suas coerências políticas a favor da escola pública, comprometidas com a justiça social, mostram-se e entremeiam suas vidas, seus trabalhos com a educação, com as classes populares e com a docência.

Palavras-chave: experiências, emergência, vida.

ABSTRACT

This article aims to open an emotional conversation, implicated with the Nilda Alves and Regina Leite Garcia's work in between and the

^{*} Professor Adjunto IV, do Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

^{**} Professor Adjunto III, do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-graduação em Educação e em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

beautiful ways that these scholars used to get into and keeping on fighting the social struggle. In other words, the writing of this essay emerges from the affective nets produced in their acting and aims to come back to they. What stands out in the Garcia and Alves' work is the deconstruction and the production of knowledge in favor of public school and its users. Working with memories, because it is made up of good encounters, times and places, the current text pursues a style/form/content that seeks to better understand the beautiful provocations of activist practices of these teachers. In this essay, we bring the presence of these wandering educators, storytellers of Brazilian people. Garcia and Alves never get tired of denouncing the oppression that prevent us to be more and better. That shows their combative and strong characters. This text tried to sew moments/events like experiences in which both, their and their network presences, have contributed and contribute significantly to emergency of novelty. In the construction of this article, we can affirm and confirm the work and lives of Regina Leite Garcia and Nilda Alves as works of art. Without any difficulty, their political coherence committed to social justice in favor of public school shows up interspersing their lives and works in the educational field and with the popular classes.

KEYWORDS: Experience. Emergency. Life.

TECENDO OS DIÁLOGOS

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de remexerem dos lugares. (...) São tantas horas das pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo e recruzado (ROSA: 2001, p. 200).

Este texto, como pretexto para um bom encontro entre seus autores, se assume como atitude política e poética. Nesse caminho, será nossa companhia o caráter autobiográfico/memorialístico/cotidianista que tomamos como desafio orientador dessa tarefa que é, ao elaborar as narrativas implicadas com vidas feitas de gentes, tempos e lugares *recruzados*, dizer de nossas experiências com Regina Leite Garcia e Nilda Alves.

Vale afirmar que esta escrita arisca – que traça linhas de fugas e que desliza entre afetos, afecções e (des)aprendizagens – não tem só por intenção dizer como vemos Regina Leite Garcia e Nilda Alves como Professoras. Tampouco, tencionamos dizer da importância de seus trabalhos e pensamentos militantes e inconformados sobre algumas versões que nos contaram e contam

sobre a educação brasileira, as crianças e as professoras¹ das classes populares com a escola pública. Longe disso! Mas, é preciso sublinhar, não nos isentaremos de afirmar deslocamentos provocados em encontros (des)aprendentes com estas Professoras que nos ensinam, porque aprendem com o outro nas diferentes salas de aula e escolas por onde se fazem presentes, ainda que seja através do outro e do outro como “legítimo outro”.

Regina e Nilda acreditam em conhecimentos plurais que se tecem, destecem e retecem nas relações democráticas do *aprenderensinaraprender*. Por isso, a escola pública, as salas de aula e as professoras assumem os *locus* ideais para o exercício diário da vida democrática com o conhecimento, a pluralidade e o acontecimento. Considerando as professoras como sujeitos em processos coletivos (des)aprendentes, a sala de aula, a escola, os movimentos sociais e sindicais e as relações lá tecidas garantem para a docência, implicada com a justiça social, palco e estreia diária, no co-engendramento de forças, que se confirma, quando dispostos estamos em ampliar de forma política a compreensão dialógica presente no ato educativo. Nela aprende quem ensina e ensina quem tem pré-disposição a aprender, num intenso e rico processo de interação hibridizada, em que cada momento em que saem da escola, sala de aula, movimentos sociais, populares e sindicais, professoras e estudantes, saem infinitamente diferentes. E por quê? Porque aprenderam alguma coisa que não sabiam.

Falar de Regina Leite Garcia e de Nilda Alves, de seus trabalhos, de suas lutas não é uma tarefa fácil. Sobretudo devido suas complexidades e capacidades em lidar de forma aguerrida com o presente em suas situações limites. Qualquer tentativa de fazê-la não passaria de uma versão reduzida e simplificadora do muito que significam seus trabalhos e suas vidas como “obras de arte” (FOUCAULT, 2014) para aqueles/as que, com elas, aprenderam como tarefa e exercício diário a “ouvir o barulho da relva crescer” (MAFFESOLI, 2003). Não é deste lugar que nos colocamos nesse exercício de escrita. Colocamo-nos e somos colocados no *entre* com Regina e Nilda. Por isso, será a partir dessa *posição*, porque nossa, de muita gente, e de muitas histórias, que buscaremos alinhar,

¹ Assumiremos como feito por Nilda Alves, já, em 2003, a designação de gênero do docente no feminino. Essa é “uma decisão política tomada , há algum tempo, e deve ser entendido como uma tática de praticante, nesse mundo tão feminino, mas no qual se faz questão de consumir /impor uma regra/estratégia do espaço dominado (*lugar*) da língua (CERTEAU, 1994). Os colegas de “outros gêneros” sintam -se nele incluídos, como em um abraço fraterno” (Nota de rodapé, p. 69).

porque nos importa, suas presenças em nossos deslocamentos *discentesdocentes*.

Aprendemos com as Professoras e com os estudos com os cotidianos em suas polifonias e polissemias a necessidade de juntar palavras como tentativa de fazer falar e pôr a funcionar outros sentidos/sentimentos e, por que não, outras linguagens. Tomamos a coragem de tomar emprestado de Regina aquilo que desejamos falar porque melhor expressa o que queremos dizer:

Quando falo linguagem, quero me reportar ao sentido bakhtiniano de língua em movimento, que se constrói, desconstrói, renova a todo momento – língua viva em pleno processo de atualização” (GARCIA: 1995, p. 82).

Regina e Nilda são sempre novidades, acontecimentos, atualização! Nunca são quem pensamos que elas sejam. Guardam em si o sentido de infância, novidade... vida! Por que usadas tantas reticências? Pensamos que seja a pontuação que melhor as expressam.

Para algumas que nos conhecem e também conheceram a Nilda e Regina, suponhamos que devam estar se perguntando o porquê de, no título desse trabalho, *embichar* estar vinculado ao trabalho dessas professoras-pesquisadoras-alfabetizadoras, conhecedoras das escolas e da vida. E por que não estaria!?... Seus trabalhos nos mostram isso, principalmente à medida que começam a usar @ ou gênero feminino como forma de afirmação de outros corpos e gêneros na educação e na escola pública ainda que o hegemônico que designa o ser seja o masculino.

Acalmem-se, brevemente buscaremos explicar, mas, de antemão, avisamos, não se espantem caso não tenhamos dado conta de responder a esta questão *embichadora!* Como duas bichas andarilhas que adoram caminhar na ausência e que não se dão a conhecer em meias palavras, fomos sendo e nos fazendo com @s outr@s e com restos de tempos e lugares recruzados das orientações coletivas que fizemos parte quando éramos estudantes de pós-graduação em educação da Universidade Federal Fluminense ou nos encontros e cafés dos eventos acadêmicos da educação. Nestes processos e potências permanentes, nossas vidas assumiram ares de obra de arte com Regina e Nilda. Elas assim nos ensinaram. São desses tipos de gente embichadas. Contaminam e se deixam contaminar. Fazem bruxarias! Ah, fazem e como fazem! Surpresa? Só faltam soletrar alguns pajubás das bichas e sapatônicas.

Tomando-as como potência e campos de novidades, o que sabemos neste momento é que “a lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que não se misturam. (...) Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância” (ROSA: 2001, p. 115). E, por ser assim, perseguimos estas histórias contando-as e alinhavando-as com os fios de memórias que nos são caras à medida que colhidas e escolhidas foram.

Atentados a isso, partimos do entendimento de que as pessoas do cotidiano das escolas e dos movimentos sociais, populares e sindicais tecem redes de práticas e de conhecimentos (CERTEAU, 1994) como dito por Nilda Alves em diálogo com Boaventura Sousa Santos (2000),

[...] trançadas nos múltiplos contextos nos quais vivem o que nos indica que , nesta rede de vivência diária , na necessidade de transmitir ao outro o que vão acumulando quanto a conhecimentos e ações, esses sujeitos se expressam em histórias , contadas e recontadas muitas vezes . Por isso mesmo , após tantas pesquisas desenvolvidas no cotidiano e após tantas e tantas histórias narradas (ouvidas e contadas) foi possível começar a entender que , talvez, narrar seja o modo mesmo como, por um lado, se expressam os sujeitos sobre seu cotidiano sempre que desejam transmiti-lo e, por outro lado , pode ser , também, um dos métodos mais importantes para se organizar a história do cotidiano , melhor expressando-a e possibilitando seu melhor entendimento (ALVES, S/D).

Assim, como feitos por tantos outros e outras, falar de tempos e espaços da memória e histórias é, quase sempre, escrever sobre as experiências. Por meio delas, construímos conhecimentos em rede, envolvendo as várias formas de conduzir os fios de nossas existências que quando reivindicados nos levam a pensar nas infinitudes possíveis de estar no mundo e com o mundo (ALVES, 1999; 2008).

O passado é deslocado e problematizado para o momento da narrativa e as corporalidades assumem movimentos, fluidez e contradições. Portanto, nossa escrita propositalmente assumirá estas situações porque assim aprendemos com Nilda e Regina. Se escrevemos o que da vida apreendemos e com a vida fomos capazes de aprender que ela é contraditória e duvidosa porque buscar, como assim fizeram os arrogantes, a coerência?

Neste caminho, estamos tecendo cruzamentos e fios de histórias que ficaram momentaneamente “apagados” no e com o

tempo. O que realizamos não foi somente trazer informações sobre eles, mas, também, possibilitar a escrita, que poderá estimular em todos e todas que deles se sintam personagens, a produção de outras narrativas, para que se produzam sentidos e tecidos históricos diferenciados sobre essas duas mulheres. Com elas, sabemos que no cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora (ALVES, 2003).

Entendemos, portanto, que a potência de histórias e memórias não se localiza na esmera tentativa de voltar simplesmente no tempo e de resgatar o passado vivido através das lembranças das escolas tecidas em imagens (ALVES, 2004), ao contrário. Com esta força que nos movemos a prosseguir nas incertezas da vida de cada dia e nos sentidos da escola (ALVES; GARCIA, 1999).

Colher histórias nos parece ser uma das especialidades de Regina e Nilda. Recolhê-las, narrá-las, valendo-se estrategicamente de uma arte escrita que vemos como feminina, feminista, decolonizada e por que não, aguerrida. É o que melhor fazem essas mulheres. Mas, vale dizer, que as forças de Regina e Nilda não se encontram somente em seus textos. Os textos não são suficientes, mas nos parecem bons começos. Neles encontramos apostas de vida e existências que não se conformavam com o fracasso escolar das classes populares, com a monocultura e com os epistemicídios, fascismos, racismos, sexismos, homofobias, genocídios e outras formas de opressões que rodam algumas vidas, consideradas como menor ou de pouca importância.

Para conhecer Regina e Nilda e suas lutas pela ação emancipadora é preciso com elas com-viver. Pensamos Regina e Nilda como um verbo, ação. Com significados à vida. Elas nos ensinam a produzir significados à vida. Em seus textos, tecendo comentário sobre as pesquisas com a educação, os movimentos populares ou os saberes em redes, os conhecimentos produzidos estão sempre em ressonâncias na escola e nos *saberes-fazer*s de professoras. Elas discorrem sobre conteúdo e forma como condição necessária e compromisso ao endereçamento que afirma um bom encontro com o leitor e a leitora.

Regina e Nilda nos convidam a falar uma língua viva e, nessa direção, se põs a falar com alguns pesquisadores e algumas pesquisadoras que as afetam e que, para elas, desenvolveram essa aprendizagem no uso da escrita em suas militâncias a favor de um mundo mais justo. Melhor! Dois deles nos chamam a atenção: Paulo Freire e Glória Anzaldúa.

Em Paulo, forma e conteúdo estão fortemente articulados. (...) Paulo Freire é como fruta madura ou como vinho, quanto mais velho, melhor foi ficando. Nele, saber e sabor foram se aproximando até se tornarem indissociáveis. (...) Longe de portar-se como quem tudo sabe, mostrava-se um permanente aprendiz. (GARCIA: 2001, p. 24)

De Gloria Anzaldúa, como fio de uma rede, em que forma e conteúdo importam, como compromisso com o que se pesquisa e com o que se escreve e para quem se escreve, Regina pondera, como aprendizagem:

Anzaldúa rejeita a dicotomia em favor de ambos, defendendo uma identidade sempre em processo. A identidade seria como um rio que flui, um processo. Recusando-se a identidade binária, rompe com todas as dicotomias: entre masculino e feminino, entre razão e emoção, entre gay e normal, entre branco e de cor, entre mítico e real, entre mente e corpo, entre espírito e matéria, entre oralidade e escrita. Ela se sente e se afirma na fronteira, no entre-lugar, daí valer-se de múltiplas estratégias de escrita. (...). (GARCIA: 2001, p. 32)

Aprendendo e ensinando com Paulos, Glórias, Ciços, Edwiges, Teresas, Carméns, Alexs, Marcios, Carlos, Marias, Filés, Joãos e tantos outros e tantas outras, Regina e Nilda seguiram como um rio, fluxos, processos, fruta madura, um bom vinho! No entre saber e sabor, na fronteira, hibridizando-se, fazendo feitiçarias e nos encantando, estas mascates da educação fazem caminho, caminhando, falando, escrevendo e espalhando histórias de professoras e das escolas públicas. De sujeitos ordinários, enfim, como aqueles que nos foi ensinado por Nilda e Regina por meio de Certeau (1994).

Trata-se de um saber não sabido. Há, nas práticas, um estatuto análogo àquele que se atribui às fábulas ou aos mitos, como os dizeres de conhecimentos que não se conhecem a si mesmos. Tanto num caso como no outro, trata-se de um saber sobre os quais os sujeitos não refletem. Dele dão testemunho sem poderem apropriar-se dele. São afinal os locatários e não os proprietários do seu próprio saber-fazer. A respeito deles não se pergunta se há saber (supõe-se que deva haver), mas este é sabido apenas por outros e não por seus portadores. Tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o possui tampouco. Portanto, não pertence a ninguém. Fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não-praticantes, sem pertencer a nenhum. Trata-se de um saber anônimo e referencial, uma condição de possibilidade das práticas técnicas ou eruditas (p. 143).

Estas são as maneiras andarilhas que Regina e Nilda encontraram com seus trabalhos aguerridos, entrelaçando *prácticateoriaprática*. Elas que não se cansam, uma vez que estão bem certas que nesse ofício escriturístico, como é a docência, buscam garantir a memória do magistério.

Os estudos do cotidiano nos trazem infinitas surpresas. A cada momento, os sujeitos ordinários constroem situações desconhecidas e imprevisas em busca da existência. “Muito se fala sobre escola, de fora da escola, de longe da escola, muitas vezes a partir de um absoluto desconhecimento em relação ao que acontece dentro da escola a cada dia” (ALVES; GARCIA, 2000, p. 12). É preciso estar na escola: sentir o cheiro da escola, os movimentos, ouvir as professoras e os alunos, compartilhar de suas angústias e alegrias. Para isso, é preciso ter esse sentimento de mundo de que nos fala Alves e Garcia (2002), “sentir o mundo e não só olhá-lo, soberbamente, do alto ou de longe”. E ainda:

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido (que já sabemos não dar conta do que buscamos), as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano de modo geral, exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto de nosso caminho diário e aprendendo a ler o corpo, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá (ALVES; GARCIA, 2002, p. 261).

Na condição de andarilha e griô², implicada com a escola pública, Regina nos diz que:

(...) estas histórias narradas pelas professoras vão constituindo uma memória coletiva que, espero, possa contribuir para recuperar um autoconceito positivo e um sentimento de potência criadora, que um dia as professoras tiveram, já que hoje se assiste a uma ação orquestrada de desmoralização a partir da falsa ideia de que a escola risonha e franca morreu e que agora é preciso eficiência que acompanhe a lógica de mercado. (GARCIA: 2001, p. 45)

² Palavra de origem africana, que diz respeito àqueles que se reúnem para contar histórias. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/gri%C3%B4s/6090/>. Acesso em: 30 maio 2016.

ACONTECIMENTOS: E SE O OUTRO NÃO ESTIVESSE AQUI, AÍ, ALI E ACOLÁ?

As vezes que tivemos o privilégio de ouvir Regina Leite Garcia e Nilda Alves foram inúmeras, mas sempre na condição de andarihas grãos ou de referências necessárias ao entendimento da escola... Naqueles e nesses momentos, Regina e Nilda nos convocavam a assumirmos e a desejarmos a docência em sua dimensão política emancipatória, com o exercício da pesquisa e num movimento cíclico e contínuo de ação/reflexão/ação/reflexão... Ou, como naquele momento Kenneth Zeichner (2002, p. 33) e outros e outras, implicados/as com a condição de praticantes da educação, denominavam como “movimento da prática reflexiva de professoras/es”.

Regina e Nilda, de diferentes formas, dialogam em suas pesquisas com intelectuais como Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin, Justa Espeleta, Elsie Rockwell, Michel de Certeau, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Morin, Humberto Maturana, Heinz von Foerster, Carlos Ginzburg, Michel Foucault, Ilya Prigogine, entre tantos outros e tantas outras que não conseguimos recuperar nos momentos dessa escrita, mas que nunca deixaram as professoras e a escola pública com papéis secundários.

Na mais íntima relação com o ensinar e aprender, Nilda e Regina mostravam-nos porque precisamos, em alguns momentos, do excedente de visão do outro/a, porque somente com ele é possível saber o que ainda não sabíamos. Essas mulheres educadoras nos fascinavam e nos fascinam com a sua capacidade de juntar e de compreender as relações macro e micro que atravessam a complexidade, que é o cotidiano escolar e os sujeitos em práticas.

As dimensões políticas da educação e do ato de educar estão como pergaminhos tatuados em Nilda e Regina, em seus exercícios corajosos com a potencialização da escola pública e de suas professoras. A escola para elas não se resume à arquitetura que conhecemos e que se fez conhecer na modernidade em sua obsessão pelo pensamento único. Ela tem cheiro..., inclusive, com o cheiro, Nilda nos ensina a fazer pesquisa com escola.

As práticas aguerridas dessas mulheres não se resumem ao campo da escola. A escola está por toda parte, em todos os lugares, com sons e imagens. Deslocamentos e convocações foram feitos e, com elas, chegamos à educação popular, aos movimentos sociais e sindicais... ampliamos, assim, as redes e as lutas de Regina e Nilda. O cotidiano da escola e o que lá acontece, porque feito de gente,

muito lhes interessa. Os interesses de Regina e Nilda pelos estudos com os cotidianos acontecem e se fortalecem como campo epistemológico por compreender que nesse espaço-tempo cindido “vive a nos revelar em suas dobras que, ao se desdobrar, deixa aparecer o que estava escondido e que à primeira vista não aparecia” (GARCIA: 2003a, p. 193). Mas não só isso!

(...) o cotidiano é a hora da verdade. É ali que os grandes projetos, as grandes explicações, as grandes sínteses, as grandes narrativas e as grandes certezas são confirmadas ou negadas, e o que complica ainda mais é que às vezes é a mesma certeza que num momento é confirmada, no momento seguinte, é negada. É ali, no cotidiano, que sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, subalternizados, resistem, usam astúcias para se defender das estratégias dos poderosos, se organizam para sobreviver, e assim vivem, lutam, sobrevivem e, como todos os mortais, um dia morrem. Não esquecendo que uns morrem antes do que outros, dadas as condições de vida, no limite da morte, a que estão expostos. (GARCIA: 2003a, p. 195).

Nilda e Regina parecem filhas do vento, herdeiras daquelas Órixas que trazem em seus fundamentos a magia da sedução e força da ação. Elas são irrequietas e vão nos mostrando que, à medida que nos colocamos em processos de pensamentos, desenvolvendo modos próprios de ensinar entre *redes de saberes* cotidianos, como forma de garantir o sucesso e aprendizagem das crianças, exercitamos a *artistagem* novidadeira que nos faz professoras.

Ação-reflexão-ação que se desenvolve no junto, nos aproxima do paradigma em voga naquele momento nas políticas de formação de professoras que valora e aposta nos sujeitos em práticas como professor pesquisador, na “luta pela justiça social” (ZEIKNER: 2002, p. 42). Justiça social nos parece ser o fio que une os sentidos que podem ter o trabalho dessas *militantes professoras pesquisadoras*.

Ao ler e/ou ouvir Nilda e Regina, as professoras da educação básica são erguidas à condição de sujeitos pesquisadoras. Compreendem, se movidas pelas suas reflexões, que *praticateoriaprática* se fundem na ação e oferecem aos/às insatisfeitos/as, com uma única versão da escola e das práticas docentes, curiosidades epistemológicas que lhes permitam compreender as razões de agir deste e daquele jeito. O sujeito da docência, suas práticas, seus inconformismos e curiosidade ganham destaque com Regina Leite Garcia e Nilda Alves e, por que não

dizer, lhe são companhia de vida.

Com elas, ouvimos e lemos, pela primeira vez, que uma professora implicada com a formação de outr@s professoras/es, que as professoras da escola pública eram e deveriam se ver/desejar/reconhecer em si e assumir a condição de professoras-pesquisadoras. Com Regina e Nilda, fomos advertidas/os de que essa postura não fosse assimilada como mais uma moda das políticas neoliberais de formação docente em voga nos anos 1990, mas, antes de tudo, como direito. Fomos melhor compreendendo isso, ao ler:

(...) o que acontece, e sempre aconteceu, quando a professora está comprometida com o sucesso de todos os seus alunos e alunas, quando não se conforma com o fracasso escolar, e mais, quando não aceita as explicações que colocam nas crianças a responsabilidade por seu próprio fracasso? Este compromisso, este inconformismo, esta busca de soluções para um problema que aflige a professora, a leva a assumir uma postura investigativa. (...) A professora inconformada com o fracasso escolar intui que precisa criar alternativas pedagógicas favoráveis aos alunos e alunas que não estão avançando como ela esperava. (...). Pesquisar ajuda a ver o que antes não via, simplesmente porque não compreendia. (GARCIA & ALVES: 2002, p. 118)

Precisamos afirmar, com Guimarães Rosa (2001, p. 113), que “estou contando assim, porque é o meu jeito de contar”. Outros que leram o que lemos contariam de outros infinitos jeitos. Estranhamente, também aprendemos isso com Nilda e Regina (risos).

Mas não podemos negar que os tradicionais paradigmas e fundamentos da educação e da racionalidade técnica, que orientaram nossas formações durante anos – e aos quais Nilda e Regina fazem críticas, e suas críticas são construídas de forma segura, contrapondo-se aos discursos oficiais que não conseguem compreender o que acontece no cotidiano escolar – não compreendem, porque não têm olhos de ver. Se não veem, não compreendem.

Até conhecê-las, só nos era possível pensar o lugar de pesquisa para os sujeitos iluminados: filósofos, sociólogos e psicólogos, etc., com os quais dialogávamos em nossos trabalhos. Com elas, fomos provocados. Melhor, fomos desafiados. Éramos o filho da lavadeira e o da empregada doméstica, sendo desafiados a ocupar os lugares que até então eram destinados a alguns. Apenas

alguns. E que, sendo de alguns, não seriam nossos.

Não obstante aos conhecimentos obtidos na formação inicial, fomos seduzidos pelo canto das sereias e, em diferentes tempos, chegamos à Universidade Federal Fluminense. Nessa condição de estudantes do mestrado em educação, levávamos, de um lado, o compromisso com a escola rural com seus sujeitos e, de outro, histórias e a invisibilidade escolar e visibilidade social de ativistas lésbicas e gays. Fomos orientados por Edwiges Zaccur e Mary Rangel, mas não somente por elas! O sozinho não existe nas pesquisas com o cotidiano. Regina Leite Garcia, Teresa Esteban, Inês Barbosa, Nilda Alves, Carmém Perez, Joanir Gomes de Azevedo, João Batista, Victor Vicent Valla... faziam e viviam a experiência de forma comprometida com o conhecimento coletivo presencial ou por meio das leituras de suas experiências.

Por isso e assim, todos e todas, junt@s e misturad@s, presentes ou em suas narrativas escritas, compunham a construção de nossos trabalhos de pesquisa e de nossas experiências formativas. O exercício da pergunta era o orientador de nossas curiosidades. Dissemos junt@s e misturad@s, por sentir que as orientações e encontros de debate com Nilda e Regina sempre cabem mais um. O que nos torna mais um no grupo é o “compromisso com a construção de um mundo onde outros mundos sejam possíveis” (GARCIA, 2008. p. 207).

Nos encontros com Nilda e Regina, tecemos outras histórias e composições, compreendemos e perseguimos a ideia de que “É no junto do que sabe bem, que a gente aprende o melhor” (ROSA, 2001. p. 361). Como estudantes de pós-graduação, ouvíamos nas Orientações coletivas, que coletivamente teciam o conhecimento, Regina falar de Nilda. Eram falas maravilhadas e sempre carregadas de afetos.

A orientação coletiva, aposta epistemológica do Grupalfa e de Regina, é de que tod@s vão descobrindo que, no coletivo, se cria para além do esperado. E que vemos mais e melhor com o olho do outro. O uso do @ começa a aparecer nos textos de Nilda Alves e de Regina Leite Garcia como a afirmação de gênero e de outros gêneros que, por existirem, borram o confortável lugar destinado ao masculino e ao homem heterossexual, mas não é só isso. O @ marcava nossa entrada bicha feminista naquele grupo... era o sinal de que ele se abria aos questionamentos feitos por nós – as denúncias do machismo e das tentativas de invisibilização da produção feminina no mundo da academia.

Vivíamos o Mestrado na condição mochileiros. De Carangola

(MG) e Belford-Roxo (RJ) a Niterói, como dizem no interior, é uma “pá de chão”. Mas isso não era um problema. Aprendíamos com os movimentos sociais e do campo que “o longe fica perto quando se caminha adiante”.

Das caronas de Regina até a Rodoviária do Rio de Janeiro, após suas aulas, ouvíamos o desafio da pesquisa com /do/ no cotidiano. Dizia ela, talvez dialogando com Nilda, que a nossa posição pode interferir na forma como pesquisamos neste espaço certeaniano do imprevisto. Gostávamos daqueles momentos. As caronas com Regina eram sempre um rico e belo motivo para mais um dedo de prosa e aprendizagens. Foi por meio delas que soubemos do texto “Decifrando o cotidiano...”, de Nilda Alves”. “Quer começar a conversar sobre essa coisa aí? Então tem que ler Nilda, Ferrazo, Teresa...”, nos disse Regina com o tom que lhe era peculiar.

Em nossas aulas no Programa de Pós-graduação em Educação da UFF, íamos compreendendo as dimensões, sentidos e a falta de compreensão dos saberes das classes populares e dos cotidianos escolares. A força do pensamento único, eurocêntrico, colonizador, patriarcal, machista sobre a educação, as práticas educativas e os currículos nos eram denunciadas. Não eram apenas denúncias! A vida daquelas pessoas professoras que coletivamente nos orientavam eram feitas de histórias e de boas histórias de professoras inconformadas com os determinismos, com a não aprendizagem e o insucesso de estudantes e docentes da escola pública.

Nos encontros com o estudo do cotidiano, cabia um mundo inteiro de conversas. Práticas de professor@s, estudantes atrevid@s que a faziam pensar outras coisas, cultura popular, poesia, literatura, cinema, teatro, dança, religiões, negritude, favela, gênero, sexualidade, periferia, indígenas e, tudo isso, ao sabor da boa costura teórica que só nas conversas cotidianas eram possíveis fazer. E por que precisamos de boas teorias para nos pensar e pensar com o outro nos cotidianos da educação? Regina responderia, nesse momento, que

Buscamos na boa teoria melhores explicações para a complexidade da realidade com a qual nos deparamos. Não apenas para compreendê-la, mas para podermos criar coletivamente com a teoria estratégias de intervenção transformadora numa perspectiva emancipatória. A prática, para nós, é portanto o critério de verdade; é ela que convalida a teoria. Assim, partimos da prática, vamos à teoria ressignificada, atualizada, recriada, dela nos valendo para melhor interferirmos na prática. (...) Esta a razão de nossa defesa da prática como lócus de teoria em movimento, reatando assim o que foi

rompido no momento histórico em que foram separadas a teoria e a prática como lócus de teoria em movimento, reatando, assim, o que foi rompido no momento histórico em que foram separadas a teoria da prática, quando a prática foi desqualificada pelos que passaram a se autodenominar “cientistas” (GARCIA: 2003, p. 12).

Nilda complementar a que, no cotidiano,

[...] esses estudos têm buscado praticar o diálogo, por um lado, com as teorias opostas, indicadas, anteriormente, como dominantes, por entender que essa “negociação” é necessária para a superação das marcas que cada pesquisador traz dos modos de pensar dominantes na sociedade contemporânea, herdadas de períodos anteriores. Precisamos entendê-las para ir além delas, buscando trajetórias que as incorporem como limites à compreensão do cotidiano, uma vez que foram desenvolvidas em estudos que o negavam como espaço-tempo de acontecimento. Por outro lado, mantêm diálogos com os praticantes dos cotidianos, pois entendem que somente com suas narrativas das memórias coletivas e individuais, em suas contradições e divergências, pode-se praticar os modos necessários para se conhecer as formas de viver do homem e da mulher contemporâneos e as maneiras como usam, astutamente, aquilo que é colocado no mercado para consumo (ALVES: 2003, p. 72-73)

Ambas parecem dialogar com Certeau (1994) quando diz que

[...] para explicitar a relação da teoria com os procedimentos dos quais é efeito e com aqueles que aborda, oferece-se uma ‘possibilidade’: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A partir de Marx e Freud (para não remontar mais acima), não faltam exemplos autorizados. Foucault declara, aliás, que está escrevendo apenas histórias ou ‘relatos’. Por seu lado, Bourdieu toma relatos como a vanguarda e a referência de seu sistema. (...) Não seria necessário reconhecer a legitimidade ‘científica’ supondo que em vez de ser um resto ineliminável ou ainda a eliminar do discurso, a narratividade tem ali uma função necessária, e supondo que ‘uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas’, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção? [...] Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um ‘saber-dizer’ exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber, mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. (p. 152/153)

Com Nilda Alves e Regina Leite Garcia, soubemos que os artefatos que se encontram em sala de aula podem evidenciar algumas pistas para decifrar o cotidiano das escolas públicas e dos movimentos populares. Elas nos propõem viver com a escola e, ao problematizá-la, experimentar as possibilidades de compreensão dos espaçostempos, a exemplo dos artefatos no desenvolvimento dos processos curriculares. Eles (guias, livros didáticos, materiais audiovisuais pré-produzidos) podem denunciar os meios estrategicamente utilizados para domesticar as potencialidades cotidianas das escolas que nos foram ditos de diferentes formas nos textos de Nilda Alves em 2004 e 2011.

Regina e Nilda nos ensinam que as significações e conhecimentos dos espaços tempos das escolas permitem a criação de outros conhecimentos e outras significações, o que nos provoca e fazem acontecer os inesperados aprenderensinaraprender. É dessa dinâmica que emerge aquilo que compreendemos como sendo suas reflexões acerca do currículo. Nilda e Regina vão mais longe e nos ensinam que os currículos não podem renegar as lutas e enfrentamentos diários que vão se tecendo em práticasteoriaspráticas, na presença de tantos grupos que por eles têm interesse. Essas tessituras vão produzindo outros modos de pensar e de viver cotidianamente os currículos e os conhecimentos por meio deles elaborados e/ou universalizados. É o que Nilda Alves nos ensinou como “redes educativas”. Ou seja, as redes de poderes, saberes e fazeres (ALVES, 2004, p. 82) “envolvem docentes e discentes se estes estão incluídos nelas; tecendo, destecendo e retecendo; se conseguem entender os diversos e vários caminhos de aprendizagens e de ensino”. Dessa maneira, esse pensamento nos encaminha a afirmar os cotidianos como um *espaçotempo* de permanentes tessituras de saber e criação.

Como são belas as explicações!

E A BICHICE COMO PENSAMENTO SENSÍVEL E IMPLICADO COMO QUESTÃO DE ESTUDO COMEÇA A APARECER NESSAS RELAÇÕES

Nilda Alves, em 2011, sem medo das inquietações que as bichas e sapatônicas provocavam nos estudos sobre o currículo e os cotidianos, assumiu seu lado e, como não poderia ser diferente, denunciou as pedagogias sutis que vão nos educando para “desse modo, aprendermos a ser homofóbico considerando que diferentes modos de ser quanto à sexualidade são ‘expressões desviantes’,

são ‘vícios’ ou ‘maus costumes’” (ALVES, 2011, p. 82).

Regina e Nilda são como os ventos bravos que movimentam o mar e que não deixam nada muito tempo parado no lugar. Nem a nós! Gente e pensamento parado não se criam perto delas. Dá medo, sabemos. Mas vale lembrar, ainda, com Guimarães Rosa (2001, p. 383), que o medo é “um produzido dentro da gente, um depositado; e que às horas se mexe, sacoleja (...). A vida é para esse sarro de medo se destruir”.

Assim, tirando sarro do medo e do tempo, num exercício de coragem, achamos importante reeditar nossas memórias e leituras. Distante temporalmente, mas dentro do contexto, porque também somos ele, nos chamam a atenção as preocupações que tínhamos nos momentos que conhecemos Nilda e Regina. Infelizmente, várias delas ainda se mantêm e se desdobram em inúmeros projetos de pesquisas desenvolvidos e em desenvolvimento em nossas novas Universidades: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Questões como identidade, representação, sexualidade, gênero, negritude, religiosidade, vida eram o que davam o tom de nossas conversas e preocupações investigativas em nossas trajetórias estudantis.

Vivendo a experiência do mestrado e doutorado na UFF ou na UFES de forma muito tímida em nossos estudos com o campo das sexualidades e de gênero, não podemos negar que foram Regina Leite Garcia e Nilda Alves quem, mais uma vez, nos ataçaram fogo na fogueira e nos fizeram querer fazer caminho nos estudos de gênero e sexualidade.

Concluindo os doutoramentos e aprovados em concursos públicos para UFES e FURG, ampliamos as redes de saberes que Nilda e Regina nos ensinaram. Na UFES, foi criado, em 2010, o Grupo de Estudos em Sexualidades (GEPSSs/Ufes) e na FURG, em 2013, o Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Identidades, Currículos e Culturas. E, de lá para cá, Regina Leite Garcia e Nilda Alves se fazem presentes com os seus pensamentos “mar” e “vento” nas composições generosas, carregadas de amorosidade em nossos trabalhos e de noss@s orientand@s que brevemente estarão compondo outras frentes de trabalho, levando-as na construção cotidiana de escolas mais bonitas e comprometidas com a justiça social. Com este texto e seus deslocamentos, afirmamos, uma vez mais com Guimarães Rosa (2001: p. 39), que “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade

maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”.

Acreditamos, no GEPSS/UFES e Nós do Sul/FURG, que “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (ROSA: 2001, p. 327). E é porque queremos viver perto do outro e com o outro, compondo outras histórias, é que Regina Leite Garcia e Nilda Alves – seus pensamentos, modos de trabalhar, de acreditar e lutar – nos permite tensionar o que sabemos sobre educação e sobre nós mesmos.

Histórias são o que não faltam para estas pesquisadoras grãos.

Para não concluir: apenas *Reginar* e *Nildar*, com Guimarães Rosa (2001), embichados e agradecidos, ainda dissemos:

Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.

Toda saudade é uma espécie de velhice

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (ORGS.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes**. RJ: DP&A, 2008.

_____. **A narrativa como método na História do cotidiano escolar**, s/d, disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/122_nilda.pdf>, acessado em 21/08/16.

_____. Cultura e Cotidiano escolar. **Rev. Bras. Educ.** no. 23. RJ: Maio/Ago. 2003

_____. (org.) **Criar currículo no cotidiano**. SP: Cortez, 2004.

_____. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (ORGS.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes**. RJ: DP&A, 2008.

_____. Sobre novos e velhos artefatos curriculares – suas relações com docentes, discentes e muitos outros. In: FERRAÇO, C. E. (ORG.). **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. RJ: Rovellet, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. In: _____. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. RJ: Forense Universitária, 2014. (Coleção Ditos & Escritos)
- GARCIA, Regina Leite. **Cartas Londrinhas e de outros lugares da educação**. RJ: Relume-Dumará, 1995.
- _____.; ALVES, Nilda. (orgs.). **O sentido da escola**. RJ: DP&A, 2000.
- _____. Do baú da memória : histórias de professora . In: ALVES, Nilda.; _____. (ORG). **O sentido da escola**. RJ: DP&A, 2001.
- _____. Currículo emancipatório e multiculturalismo: reflexões de viagem. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flavio. **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____.; ALVES, Nilda. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In _____. (ORGS.). **O sentido da escola**. RJ: DP&A, 2000.
- _____. Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SOARES, Magda; FOLLARI, Roberto A.; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **Para quem pesquisamos: para quem escrevemos - o impasse dos intelectuais**. SP: Cortez, 2001.
- _____.; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. RJ: DP&A, 2002.
- _____. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In. _____. (ORG.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. RJ: DP&A, 2003.
- _____. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: _____. (ORG.) **Método; métodos; contramétodo**. SP: Cortez, 2003a.
- _____. O processo de orientação coletivo: práticas interculturais. In: _____.; ZACCUR, Edwiges (ORGS.). **Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes**. SP: Cortez, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. SP: Ed. Zouk, 2003.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. RJ: Nova Fronteira, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. SP: Cortez, 2000.
- ZEICHNER, Kenneth. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. RJ: DP&A, 2002.